

# OS IRMÃOS DAGOBÉ

# THE DAGOBÉ BROTHERS



**MONALISA LAURA BARBOZA MARIANO**

Graduação em Letras pela Unifaveni (2023); Graduação em Pedagogia pela Faculdade Anchieta (2010); Especialista em Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial pela Faculdade de Educação São Luís (2019); Professora de Ensino Fundamental I - Educação Infantil - na CEI Angela Maria Fernandes.

## RESUMO

Antes de apresentarmos as características do conto modernista “Os Irmãos Dagobé”, vamos falar um pouco de seu autor: João Guimarães Rosa. E sua obra literária que traz em sua essência inovações de linguagem e um ambiente mágico muito conhecido por nossos antepassados e familiares próximos: o sertão brasileiro. A partir deste artigo, vamos entender como nosso país é rico por ter um autor deste quilate reconhecido mundialmente e traduzido por tantos países do globo terrestre com ou sem fronteiras com Brasil, além do oceano Atlântico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto; João Guimarães Rosa; Literatura; Literatura Brasileira.

## ABSTRACT

Before we present the characteristics of the modernist short story “The Dagobé Brothers”, let's talk a little about its author: João Guimarães Rosa. His literary work brings with it innovations in language and a magical environment well known to our ancestors and close relatives: the Brazilian sertão. From this article, we'll understand how rich our country is to have an author of this caliber recognized worldwide and translated by so many countries around the globe with or without borders with Brazil,

beyond the Atlantic Ocean.

**KEYWORDS:** Short story; João Guimarães Rosa; Literature; Brazilian Literature.

## INTRODUÇÃO

De tempos em tempos, surge um escritor que traz a modernidade e conquista léguas por onde é lido, traduzido também, desbrava um pouco da nossa cultura e, principalmente, encanta leitores de diversas idades. A literatura é a arte das palavras e como tal serve para quebrar paradigmas e fazer o ser humano rever ideias e aumentar o vocabulário de forma instantânea, contínua e progressiva.

Se há um regionalismo tenso e crítico por anos gravados nas páginas de Jose Lins do Rego e Graciliano Ramos. Com João Guimarães Rosa vemos uma escritura menos tensa, diferente do conto folclórico ou reportagem, com um toque de muito bom humor de escritores como José Candido de Carvalho em “O Coronel e O Lobisomem” ou de Ariano Suassuna em seu consagrado “Auto da Compadecida”.

É preciso entender a partir de “Os Irmãos Dagobé” que estamos em terras não caminhadas, mas de certa maneira conhecida do imaginário coletivo, do sonho e da loucura. Assim entender como objetivo principal porque lemos este conto Rosiano e, principalmente, por que sentimos que ele faz parte de nossa história social e cultural sem vivemos no sertão brasileiro?

Além de trabalhar a tipologia textual narrativo que lida integralmente nas questões de produção, compreensão, gramática e uma serie de outros aspectos centrais no ensino da língua portuguesa.

## JOÃO GUIMARÃES ROSA

Não podemos deixar de falar do criador do conto e suas obras primas: João Guimarães Rosa.

Ele nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais. Além de um dos principais autores de nossa literatura brasileira, foi médico e diplomata. Desde muito cedo revelava “um apaixonado da Natureza e das línguas” (BOSI, 1985, p. 484).

Cursou Medicina e exerceu a profissão em Itaúna e Barbacena (interior do estado de Minas Gerais), nesse período “estudou sozinho alemão, russo francês, inglês, húngaro, grego, latim, italiano e espanhol. Sabia mais de nove idiomas” (ARCHCAR; ANDRADE, 2002, p. 103).

“Em 1934, fez concurso para o Ministério Exterior. Ingressando na carreira diplomática, serviu como cônsul-adjunto em Hamburgo [...] Foi secretário de embaixada em Bogotá e conselheiro diplomático em Paris” (BOSI, 1985, ARCHCAR; ANDRADE, 2002).

Em 1936, “Guimarães Rosa participou de um concurso ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, com uma coletânea de contos chamada ‘Magma’, conquistando o primeiro lugar,

mas não publicou a obra” (FRAZÃO, 2024).

Durante a Segunda Guerra Mundial, 1942, quando o Brasil rompeu aliança com a Alemanha, “junto com outros brasileiros, foi preso em Baden-Baden, na Alemanha. Libertado no fim do ano, seguiu para Bogotá, como secretário da Embaixada Brasileira” (Id., 2021).

Entre 1946 e 1951 residiu em Paris, onde consolidou sua carreira diplomática e passou a escrever com maior assiduidade.

“Em 1952, em excursão ao Estado de Mato Grosso, conviveu com os vaqueiros do oeste do Brasil, e escreve uma reportagem poética, Com o Vaqueiro Mariano, publicada no Correio da Manhã” (Id., 2021).

Em 1958, de volta ao Brasil, João Guimarães Rosa ascende a Ministro. “Um dos seus últimos encargos de profissional foi a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras, que levou a tratar casos espinhosos como o do Pico da Neblina e o das Sete Quedas” (Id., 2002, p. 103).

Como literário só obteve reconhecimento “a partir 1956, quando saíram Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile. [...] Há traduções de suas obras para o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão” (BOSI, 1985, p. 484-485).

Em 1967, “Guimarães Rosa faleceu de enfarte, aos 59 anos, três dias após ter sido admitido solenemente à Academia Brasileira de Letras. É segundo uma quase unanimidade, a maior expressão da literatura brasileira do século no século XX” (Id., 2002, p. 103).

Obras: Sagarana, 1946 – contos; Corpo de Baile, 1956 – Novelas. A partir de 1964, a obra foi desdobrada em três volumes: “Manuelzão e Miguilim” (“Campo Geral” e “Uma Estória de Amor”), “No Urubuquaquá, no Pinhém” (“O Recado do Morro”, “Cara de Bronze” e “Lélio e Lina”), e “Noites do Sertão” (“Lão-Dalalão” e “Buriti”); Grande Sertão: Veredas, 1956 – romance; Primeiras Estórias, 1962 – contos; Tutaméia – Terceiras Estórias, 1967 – contos; Estas Estórias, 1969 – contos; Ave, Palavra, 1970 – contos; Magma, 1997 – Obra Póstuma.

## PRIMEIRAS ESTÓRIAS

Primeiras Estórias, publicado originalmente em 1962, é composto por 21 capítulos, é um corte em relação às obras anteriores de Guimarães Rosa com a diminuição das longas passagens descritivas e enredos paralelos. Além de conter um índice ilustrado a pedido do autor.

“Primeiras” do título não faz referência às obras da juventude de João, mas ao seu novo estilo: “Estórias” como causos ou short story. “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra História. A estória, às vezes, quer-se parecida à anedota” (ROSA, 1985, p. 7). O escritor elege a imaginação e a fantasia como forças criadoras do gênero conto, em lugar do pensamento lógico, pois, segundo ele, a anedota “responde ao mental e ao abstrato”.

“Na acepção que lhe dá Guimarães Rosa o termo ‘estória’ ultrapassa a conotação folclórica de ‘causo’, para referir-se a narrativas envoltas numa áurea mágica, num halo de maravilhosa

ingenuidade, que as torna visceralmente diferentes de quaisquer outras” (ARCHCAR; ANDRADE, 2002, p. 117).

Primeiras Estórias mantêm uma antiga verdade com diversidade de temas, personagens e narradores: “que os conteúdos sociais e psicológicos só entram a fazer parte da obra quando veiculados por um código de arte que lhes potencia a carga musical e semântica” (BOSI, 1985, p. 485).

Na visão de Temístocles Linhares, Rosa “foi movido pelo seu não-conformismo, pela necessidade de liberdade e enriquecimento que o levavam às mais ousadas experiências no campo da linguagem e da semiologia” (LINHARES, 1973, p. 31).

Por isso, “Primeiras Estórias representa uma ruptura em relação às obras anteriores de Guimarães Rosa. Publicadas no jornal O Globo e na revista Senhor, entre 1956 e 1961, as estórias foram editadas em livro, pela José Olympio, em agosto de 1962” (Id., 2002, p. 117). E “revitaliza recursos de expressão poética: células rítmicas, aliterações, onomatopeias, rimas internas, ousadias mórficas, elipses, cortes e deslocamento de sintaxe” (Id., 1985, p.486).

De forma geral, estes contos reunidos invocam “uma concepção pessoal tanto da vida quanto da arte [...] videntes: entregues a uma ideia fixa, absorvidos por uma paixão, intocados pela civilização, guiados pelo instinto” (Id., 2002, p.119). Ou seja, “parecem desaguar no desejo que os vaqueiros atribuem ao misterioso Cara de Bronze: ‘Não entender, não entender até virar menino’, ou, ‘entregando-se ao jogo da imaginação: ‘Tudo no quilombo do faz-de-conta’” (Id., 1985, p. 489).

E acontecem “numa região não especificada, mas identificável, como nas obras anteriores do autor, como o sertão mineiro da infância e adolescência” (Id., 2002, p. 121). Obviamente, a linguagem do conto “não é pura denotação, pois nesse caso perderia sua feição artística” (MOISES, 2007, p. 84).

A partir desta afirmação, podemos dizer que o escritor mineiro resgata a noção de brevidade, ao recorrer à fabula e ao imaginário popular para criar seus contos. Na sua contação de histórias veremos uma tensão constante que vai nos levar para um final sem precedente e surpreendente, causador de grande impacto no seu leitor.

## **OS IRMÃO DAGOBÉS**

“Os Irmãos Dagobé” tem seu foco narrativo na primeira pessoa (alguém presente no velório e no enterro, um morador do arraial conta suas impressões sobre os irmãos Dagobé, o Liojorge e os fatos) como segue o fragmento: “Enorme desgraça. Estava no velório de Damastor Dagobé [...] Todos preferiam ficar perto do defunto, todos temiam mais ou menos os três vivos” (ROSA, 1988, p. 27). “O Narrador, testemunha do velório, relata, sem se identificar, que o povo começa a cochichar sobre a previsível vingança [...] o narrador confunde-se como o povo” (ARCHCAR; ANDRADE, 2002, p. 132).

O tempo é psicológico, pois divaga entre possibilidades, lembranças e novos acontecimentos:

Debaixo das vistas dos três em luto, devia-se-lhe contudo guardar ainda acatamento, covi-

nha. [...] Depois do que muito sucedeu, porém espantavam-se de que os irmãos não tivessem obrado vingança. Em vez, apressaram-se armar velório [...] a ninguém enganavam. Sabiam o até-que-ponto, o que não estavam fazendo [...] Tinha caído outra chuva. O prazo de um velório, às vezes, parece muito dilatado [...] E despertou devagar o dia (Ibid., p. 27-30).

O ambiente é social: “Serviam-se, vem em quando, café, cachaça- -queimada, pipocas, assim aos usos. Soava um vozeio simples baixo... pelos escuros ou no foco das lamparinas... igual a igual, a cerimônia, à moda de lá” (Ibid., p.27).

O espaço do velório é fechado: “A casa não era pequena; mas nela mal cabiam os que vinham fazer quarto” (Ibid., p. 27). Enquanto o espaço do enterro é o aberto: “Então, foi saindo o cortejo... ramo de gente... Toda a rua enlameada, os abelhudos mais adiante, os prudentes na retaguarda... à frente de tudo o caixão [...] E entravam no cemitério... em beira de buraco” (Ibid., p. 31).

Seus personagens são: Damastor Dagobé (o irmão morto), Derval Dagobé (irmão caçula), Dismundo Dagobé (o irmão do meio), Doricão Dagobé (agora o irmão mais velho) e Liojorge (Lagalhé pacífico e honesto, estimado de todos).

O tema central é a imaginação coletiva, a revelação do bem, da civilidade e da justiça, acabam se impondo contra expectativas da Lei do Mais Forte.

Em sua linguagem o autor usa aliterações (repetição da letra D nos nomes dos irmãos): “Derval, o caçula, principalmente se mexia [...] Doricão, agora o mais-velho, mostrava-se já solene sucessor de Damastor [...] E do meio, Dismundo” (ROSA, 1988, p. 28); frases incompletas: “Aquilo era quando as onças” (Ibid., p.28); e aglutinação de palavras: “sussuruído [...] lugubrilho [...] perguntidade” (Ibid., p. 28-30). Ou seja, dá forças virtuais e sonoras a linguagem escrita: “vocabulários insólitos, arcaico ou neológico, associações raras, metáforas, anáforas, metonímias, fusão de estilos, coralidade [...] cadências populares” (BOSI, 1985, p. 486).

Seu enredo inicia com o velório de “Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras (Ibid., p.27), morto ao provocar Liojorge, um lagalhé, capiau simples e honesto, ao contrário dos quatro irmãos Dagobés, “demos, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado” (Ibid., p.27). O narrador como mencionado anteriormente é alguém na multidão do velório que conta com um desfecho trágico e anunciado pelos locais: “um assassínio cruel, preparado clinicamente” (ARCHCAR; ANDRADE, 2002, p. 131). Principalmente quando para espanto de todos, aparece pobre sentenciado para ajudar a carregar o caixão: “Um doido e as três feras loucas” (Ibid., p.30). No auge da expectativa, os irmãos Dagobé nada fazem contra Liojorge, e Doricão diz: “Moço, o senhor vá se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danando [...] completou: - A gente, vamos'embora, morar em cidade grande [...] o enterro estava acabado” (Ibid., p.31).

Indiscutivelmente vemos sua sequência de ações que parecem inadequadas, ou seja, “uma série de ações que parecem inexplicáveis: os irmãos Dagobé, mal-afamados, não cumprem a vingança; o tímido Liojorge, se sua parte, ao invés de se esconder ou fugir, vai ao velório, pois agira em legítima defesa” (Id., 2002, p.132):

[...] o rapaz Liojorge, ousado lavrador, afiança que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxara só no gatilho no derradeiro do instante, por dever de se livrar, por destinos de desastre! Que matara com respeito. E que por coragem de prova, estava dispos-



to a se apresentar, desarmado (ROSA, 1988, p. 29).

Com o desfecho fica explícito que a natureza ruim era do morto. “Os irmãos Dagobé, por outro lado, não são terríveis como o povo vê, mas sofrem da má fama do irmão defunto, este verdadeiramente era perverso” (ARCHCAR; ANDRADE, 2002, p. 132), que “botara na obrigação da ruim fama os mais moços” (Ibid., p. 27).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para apresentamos o quilate desta obra prima de João Guimarães Rosa usamos os parâmetros de “Análise Literária” do mestre Massaud Moises em nível de “análise macroscópica ou macroanálise” que destaca os “ingredientes da prosa de ficção, ou seja, as personagens, o tempo, o lugar, a ação, o ponto de vista narrativo, os expedientes da linguagem” (2007, p.86) para um devido e respectivo apêndice do conto, ao invés, de simples resenha.

Como isso entende-se que o texto é o melhor ponto de partida e chegada para o tratamento da língua na sala de aula. Trata-se de uma maneira deslocar o ensino da língua da gramática, norma e frase isolada para os processos e o funcionamento da língua em situações concretas de uso.

O trabalho com base no tipo textual narrativo permite tratar integralmente das questões de produção, compreensão, gramática e uma série de outros aspectos centrais no ensino da língua.

Em linhas gerais, a linguagem deve primar à produção de sentido e considerar as manifestações históricas e sociais do ser humano.

O conto como parte da esfera narrativa apresenta estes aspectos gramaticais como literários para diversas possibilidades de estudos da língua portuguesa e acerca disso que vamos ver o que explicita Julio Cortázar em seu ensaio “Alguns aspectos do conto”, pois quase ninguém se interessa pela problemática do conto, um gênero que, a seu ver, ganha cada vez mais importância na modernidade. O escritor argentino retoma a definição de Edgar Allan Poe de conto e a rediscute, criando uma metáfora que ilustra a atividade (e a criatividade) do contista:

Um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases. Não se entenda isto demasiado literalmente, porque o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário (CORTÁZAR, 1974, p. 152)

Por isso Gilberto Mendonça Teles destaca João Guimarães Rosa como teorizador do conto:

Machado de Assis (em “O Instinto de Nacionalidade” e, indiretamente, através de notas e prefácios a seus próprios livros) e Araripe Júnior são de certo modo os nossos primeiros teóricos do conto literário. [...] Mas é com Guimarães Rosa, através dos quatro prefácios de Tutaméia, que a teoria do conto moderno encontra no Brasil a sua mais perfeita formulação [...] (TELES, 1977, p. 8).

O que se reconhece no decorrer da narrativa “Irmãos Dagobé”. Destaque para Liojorge “estimado de todos [...] resignado já ao péssimo, sem ânimo de nenhum movimento” (ROSA, 1988, p. 27-28) que sozinho e sem defesa, torna-se valente e metamorfoseia em criado e por fim escravo. Ao transitar entre o velório e o enterro, ele vê “só sete palmos de terra, dele diante do nariz” (ROSA, 1988, p. 31). Era certo que ele seria assassinado, mas “Não. A gente que previa, a falsa noção do

gesto” (ibid., p. 31).

O grande autor surpreende a todos, quando resolve tudo com a não violência e sem a vingança, os irmãos vivos estão livres de tão atroz figura e, conseqüentemente, de tal cotidiano algoz. Desta forma, a leitura não se interrompe, não há o que questionar, há uma alegoria moral e a originalidade do contista.

E assim como em todo bom caso ou boa anedota devemos ao povo a condução dos fatos: “Os Irmãos Dagobé é uma estória sobre imaginação coletiva, sobre adultos que sobrepõem ao real o irreal, a fantasia, o imaginário. É também a estória da revelação do bem, da justiça e da civilidade, que acabam se impondo contra as expectativas” (Id., 2002, p. 132).

## REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco; ANDRADE, Fernando Teixeira de. **Os Livros da Fuvest – II**. São Paulo: Editora Sol, 2002.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FRAZÃO, Dilza. **Guimarães Rosa: escritor brasileiro**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/quimaraes\\_rosa/](https://www.ebiografia.com/quimaraes_rosa/) Acesso 12 jan. 2024.

LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973

MOISES, Massuad. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\_\_\_\_\_. **Tutameia – Terceiras Estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\_\_\_\_\_. **Grande Sertão: Veredas.** 19ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. **Sobre o Conto Brasileiro.** Rio de Janeiro: Gradus, 1977.